



PARTE II: DU BOIS E AS POSSIBILIDADES DE UMA SOCIOLOGIA DESEGREGADA

Valter Roberto Silvério¹

APRESENTAÇÃO

Ao considerar que a obra de Du Bois, enquanto produção de conhecimento, tem ultrapassado os limites temporais e as fronteiras nacionais, ou em termos gramsciano seu bloco histórico, inscrevendo-a como uma das mais importantes do século XX. A proposta de apresentação de alguns temas e problemas por ele tratados para um público brasileiro teve início na publicação do volume 12, número 32 de 2020, março-maio, da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN. Nesta segunda parte, organizada por mim e o professor Angelo Martins Junior, autor de um dos artigos do dossiê, damos continuidade a proposta que, ao nosso entender, pode proporcionar, por meio da leitura de mais quatro novos artigos e uma resenha, uma brevíssima leitura das recepções contemporâneas distintas da obra de Du Bois.

Os textos no seu conjunto, primeira e segunda parte, tem como objetivo suprir uma ausência: introduzir a obra já clássica de Du Bois para o público brasileiro.

Neste momento de profunda mudança social em que muitos reivindicam a releitura dos clássicos da sociologia, e as escolas europeias a eles direta ou indiretamente associadas, propiciar alguns textos que estimulem pesquisas sobre a obra do clássico que o racismo

¹ Professor Titular do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa onde lidera o Grupo de pesquisa Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana. Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar. Member of the International Scientific Committee for Volume IX, X and XI of the General History of Africa - GHA – UNESCO- Paris. Email: diasporizando@gmail.com



acadêmico nos impossibilitou a leitura e, portanto, a compreensão da existência de um outro caminho de reflexão sobre os sentidos contemporâneos de “raça” e racismo nas ciências sociais e nas humanidades de modo mais amplo é uma necessidade.

O conjunto de textos, portanto, em minha visão permitem ir além da versão supremacista branca da disciplina que compreendeu o negro como um “problema”. Neste sentido, a proposta é tanto introduzir as recepções contemporâneas de Du Bois quanto estabelecer outros parâmetros e um conhecimento básico da importância de suas obras e da escola de pensamento a ele associada: A Escola de Atlanta. Segundo Elijah Anderson

“W.E.B. Du Bois é o pai fundador da sociologia americana, mas infelizmente[...]é possível progredir em um programa de graduação em sociologia neste país sem ao menos ouvir sobre Du Bois” (ANDERSON 1996, p. xiv).

A citação acima, que se encontra no texto de Reiland Rabaka, é o ponto de partida de nossa apresentação/introdução à leitura dos textos. Embora o autor situe o problema nos EUA ele pode ser estendido para os cursos de graduação e programas de pós-graduação no Brasil, e outros contextos nacionais, não apenas em referência a disciplina de sociologia. A reflexão de Du Bois atravessou e certamente altera o núcleo enunciativo e argumentativo de um conjunto de disciplinas que incluem a economia política, a filosofia, a história, a sociologia, a ciência política, a literatura, a educação, entre outras.

Neste sentido, os artigos no seu conjunto demonstram tanto a branquitude analítica da sociologia quando exclui “comentários históricos e contemporâneos sobre a ordem colonial-racial do Ocidente” quanto as alternativas que se encontram em Du Bois e Stuart Hall. Por serem perspectivas analíticas negras que “*interrogam a normatividade da dominação branca e exploram os processos racializados que estão no cerne das formações sociais modernas* (Les Back e Maggie Tate). Os desafios, portanto, encontram-se nas respostas a duas questões formuladas no texto de Les Back e Maggie Tate que são as seguintes:

- 1) Como reconhecer as raízes intelectuais da sociologia na Europa Ocidental enquanto, ao mesmo tempo, não ser retido por elas;



- 2) Como conseguir que a imaginação sociológica seja desenvolvida além dessas limitações, se expanda e se adapte a uma escala mundial?

Para responde-las o conjunto de textos fornecem uma breve reconstituição da vida e obra de Du Bois que podem ser o início de uma mudança de postura ao possibilitarem uma reflexão que diminua o descompasso entre as proposições curriculares dos cursos de formação em ciências sociais em geral, e em sociologia em especial, que limitam e simplificam os conflitos e as conquistas do século XX a um conjunto de autores e perspectivas eurocêntricas. E ao fazê-lo continuam a reproduzirem estratégias de ensino questionáveis em termos da compreensão da pluralidade de atores sociais envolvidos no processo de mudança social. E, também, deixam em função de seu desconhecimento ou preconceito racial, no caso não velado, de fornecerem um quadro mais amplo da importância da relação entre movimentos negros, e o plural se refere às suas distintas localizações nacionais na diáspora africana, e a construção de uma cultura política negra transnacional e suas contribuições para o processo de democratização em nível global.

A exclusão de leituras sobre o conteúdo das reações inscritas nas revoltas de escravos e libertos, aos linchamentos, às estratégias de retardamento de extensão de direitos a ter direitos expressas em legislações e normas supostamente color blind (neutras), poderiam ser supridas com a inclusão de leituras das diferenças de abordagem de W.E.B. Du Bois em relação à Frantz Boas, Melville Herskovits e a Escola de Chigaco. E, também, das distinções entre o primeiro e os clássicos da sociologia (Karl Marx, Max Weber, Durkheim) no enfrentamento efetivo da configuração de conflitos nas Américas Negras como sugere o título do livro de Roger Bastide de 1974.

A reconstituição do contexto da formação de Du Bois e de seu pensamento demonstra a sua excepcionalidade enquanto acadêmico e intelectual potente em um contexto racializado. Com base nas contribuições presente nos textos é possível localizar os seguintes temas: apresentados organizei a presente apresentação da seguinte forma:

- 1) Contexto de formação do pensamento de Du Bois e a excepcionalidade e originalidade de sua contribuição;



- 2) As consequências das perspectivas orientadas pela supremacia branca, tanto no plano individual quanto na vida dos afro-americanos em geral;
- 3) As consequências do retardamento de seu reconhecimento para um outro entendimento do lugar da chamada, pelos cientistas sociais majoritariamente brancos, “questão racial” ou do “problema negro” contemporaneamente;
- 4) A importância de sua contribuição para uma sociologia que ultrapasse o relativismo metafórico implícito nos modelos projetivos do que deveria ser a sociedade frente sua contribuição para uma sociologia pública desde seus primeiros escritos da última década do século XIX;
- 5) Retomar Du Bois como um clássico é uma possibilidade de, contemporaneamente, desracializar as ciências sociais e humanas, em geral, e a sociologia em particular. E, também, de entender como os mecanismos de poder no interior daquelas ciências, racismo acadêmico, não permitiram a ampla divulgação de sua contribuição simplesmente pelo fato dele ser negro;
- 6) Como a obra de Du Bois antecipa os debates sobre pós-colonialismo, racismo, anti-essencialismo e instersseccionalismo.

O primeiro artigo cujo título é “**O Professor: um ensaio**” tem como foco a sociologia acadêmica de Du Bois. Para tanto, Tukurfu Zuberi reconstitui de forma breve e cabe destaque, entre outros, os seguintes pontos:

A origem humilde e os percalços da infância e juventude de Du Bois e seus esforços permanente para adquirir a melhor formação acadêmica possível ao final do século XIX. Nos chama a atenção as similaridades com os percursos existenciais e de lutas enfrentados por inúmeros jovens brasileiros contemporaneamente.

Em seguida Zuberi destaca o desafio representado pela perspectiva Dubosiana às grandes teorizações metafóricas dos clássicos europeus. Para tanto ele recorre a dois textos de Du Bois: 1) *The Souls of Black Folk* publicado em 1903 que, segundo Zuberi, é uma grande realização literária na qual os ensaios refletem um dos melhores escritos pioneiros de Sociologia Pública; 2) *The Philadelphia Negro* que havia sido publicado em 1899 que representou um esforço em usar as ciências sociais na luta pela reforma social que, no



entanto, foi primariamente um livro científico não necessariamente acessível ao público em geral.

Alguns outros temas importantes tratados na obra de Du Bois percorrem o artigo como, por exemplo, o da natureza ilógica e o impacto do racismo. De acordo com Zuberi, em suas consequências a natureza e impacto do racismo significou para nosso autor, no plano individual, nunca lhe terem sido oferecido uma nomeação docente em um departamento universitário de prestígio considerando a excelência de suas credenciais, no plano profissional, ou do reconhecimento de sua contribuição, o não levar a sério sua formulação de que era um erro considerar os problemas da população afro-americana em paralelo com os imigrantes europeus.

Segundo, Zuberi, em oposição aos argumentos do Doutor Du Bois na tradição da Escola de Chicago e das pesquisas do início dos anos de 1940, as pesquisas sobre as condições urbanas nos Estados Unidos, *a maioria dos acadêmicos confundiram o termo raça, no sentido de distinção de cor, com etnicidade, no sentido do status de imigrante*. Eles interpretaram – e muitos continuam a interpretar – a difícil situação urbana dos afro-americanos como sendo comparáveis aos desafios enfrentados pelos imigrantes europeus face aos ajustamentos da vida na América. E muitos continuam com a mesma interpretação contemporaneamente.

É surpreendente que levaria mais cinquenta anos até que um afro-americano fosse contratado para um cargo de professor titular em uma importante universidade "Historicamente Branca". Este foi Allison Davis, premiado na Universidade de Chicago em 1947. Também em 1947, Willian Thomas Valeria Fontaine se tornou professor visitante em Filosofia na Universidade de Pensilvânia.

O debate de Du Bois com os clássicos europeus encontra-se, tanto no texto de Zuberi quanto no texto de Rabaka. E em ambos, o aspecto central relaciona-se, no caso de Karl Marx, ao processo de formação das classes sociais. Para Zuberi uma chave importante para o contraste de perspectivas está no primeiro capítulo do livro *Black Reconstruction* intitulado "*Karl Marx and the Negro*", editado em março de 1935, no qual Du Bois apresentou uma análise crítica da visão de Marx sobre o surgimento da classe trabalhadora europeia. Ele observou que Marx não estudou o "problema racial peculiar na América". Desta perspectiva,



as ideias de Marx requereriam uma mudança significativa se fossem aplicadas ao entendimento dos trabalhadores de cor/não brancos ao redor do mundo. Ele tentou fazer uma modificação em seu artigo, publicado em maio do mesmo ano intitulado, “Marxismo e o problema do negro”.

O segundo artigo de Reiland Rabaka **W.E.B. Du Bois e a Inauguração de uma Sociologia Interseccional**. A ênfase recaí, também, sobre a importância dos sociólogos do século XXI conhecerem a contribuição de Du Bois, entre outros, pelos seguintes motivos: 1) a distinção presente no discurso de Du Bois que tem a ver, sobretudo, com sua extraordinária antecipação do que nós chamamos de “interseccionalidade” (ou melhor, “interseccionalismo”) contemporaneamente na academia; 2) a distinção de sua concepção de classes sociais.

Em relação à segunda distinção, o conceito de classe de Du Bois põe em foco as formas que a economia política da raça e o racismo anti-negro, em uma sociedade supremacista branca e capitalista, como os EUA, ditam e determinam que as classes sociais entre os afro-americanos poderiam ser vistas mais apropriadamente como *classes raciais*. Se o termo classe “raciais” pode parecer antiquado contemporaneamente os processos a eles relacionados não o são e continuam no centro das principais polêmicas das ciências sociais de nossos dias. Para autor, portanto, a insistência obstinada de Du Bois nas maneiras pelas quais as classes sociais dos afro-americanos permaneceram degradantemente racializadas e, portanto, são sempre mais do que meras classes socioeconômicas – nos moldes das concepções sociológicas convencionais de classe – deveria ser calma e cuidadosamente considerada tanto pela sua significância sociológica clássica quanto contemporânea. A sociologia das *classes raciais* de Du Bois se estende a partir do século XIX, atravessa o século XX, e ressoa em ambas as sociologias da “raça” e da classe no século XXI, com sua intensa ênfase na formação de classe e culturas de classe, peculiares e particulares dos afro-americanos.

Amplificando sua perspectiva de análise comparativa para além das classes, segundo Rabaka, Du Bois se preocupou com as questões relativas ao Estado, a democracia e ao desenvolvimento em textos e livros como *Color and Democracy* (Du Bois, 1945) e *The World and Africa: An Inquiry into the Part which Africa Has Played in World History* (Du



Bois, 1946) que foram questões endereçadas para outros teóricos como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

De fato, para Rabaka, pode se argumentar que este momento dos trabalhos de Du Bois e o seu já bem conhecido desejo em publicar um volume mais espesso sobre “*A search for democracy*” (Du Bois, 1937), prenunciou as obras de Immanuel Wallerstein *Africa: The politics of idenpendence*, publicado em 1961, e seu *Africa: The Politics of Unity*, publicado em 1967; Barrigton Moore Jr. *Social Origins of Dictatorship and Democracy: Lord and Peasant in the Making of the Modern World*, publicado em 1966; e Theda Skopol *States & Social Revolutions: A comparative Analysis of France, Russia, & China*, publicado em 1979. Em síntese Du Bois teria realizado, para Rabaka, uma *coup d’etae* na parte central das concepções de classe de Weber e Marx, o conceito de classe de Du Bois difere em seus fundamentos uma vez que é pelo contexto de seu surgimento.

Como reconheceu Max Weber em carta datada de 08 de novembro de 1904 na qual convidou Du Bois para escrever um artigo para o *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*:

“Até agora”, escreveu ele (Weber), “falhei em encontrar na literatura americana (e claro em qualquer outra) [sic] uma investigação sobre as relações entre o (assim chamado) 'problema-da-raça' e a (assim chamado) 'problema de classe no seu país'. . . Hoje temos na Alemanha, não apenas a literatura diletante . . . mas uma teoria racial "científica", construída também sobre fundamentos puramente antropológicos - e, portanto, temos que acentuar especialmente as conexões e a influência das condições socioeconômicas nas relações das raças entre si. Vi que você falou algumas semanas atrás sobre essa questão e eu ficaria muito feliz se você se encontrasse em posição de nos dar, para nosso periódico, um ensaio sobre esse objeto. Então, peço a você que me escreva, se estiver disposto a fazê-lo e em que momento?”² (MORRIS, 2015, p. 156).

² “Until now,” he wrote “I failed in finding in the American (and of course any other) litterature [sic] an investigation about the relations between the (so called) ‘race-problem’ and the (so called) ‘class-problem’ in your country. . . . We have to meet to-day in Germany not only the diletantant litterature . . . but a ‘scientific’ race-theory, built up on purely anthropological fundaments, too, — and so we have to accentuate especially those connections and the influence of socialeconomic conditions upon the relations of races to each other. I saw that you spoke some weeks ago about this very question and I should be very glad if you would find yourself in a position to give us, for our periodical, an essay about that object. So, I bid you to write me, whether you should be willing to do so, and at what time?”



O ensaio foi escrito por Du Bois e publicado sobre o título “Die Negerfrage in den Vereinigten Staaten” (**The Negro Question in the United States**), no volume de 1906 no qual encontram-se, também, artigos de Simmel e Robert Michels. Em relação ao projeto de Weber de publicar o livro *The Souls of Black Folk* em alemão não se realizou.

Desta forma, a diferença entre tornar-se membro de uma classe social sem primeiramente ter pertencido a um grupo social escravizado e racializado marca uma distinção analítica fundamental. A sociologia de Du Bois, portanto, diferentemente das perspectivas weberiana e marxista demarca, desde os seus primeiros textos, a distinção entre produzir conhecimento a partir de um ponto de vista do colonizador e de um racialmente colonizado.

Em “**A cor da Imaginação Sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a sociologia de-segregante, Les Back e Maggie Tate**, eles utilizam-se da metáfora da tempestade que se forma em torno das questões raciais e do racismo dentro da *Republic of Sociological Letters*.³ Eles enfatizam que é “*muito mais que um vendaval que sopra periodicamente pelas pilhas de periódicos, colóquios e conferências quando os/as estudantes de cor e seus aliados são levados ao limite. Desta vez, está mexendo na nova escrita crítica, em como a autoridade acadêmica é colonizada pelas normas somáticas brancas na universidade e como as desigualdades de classe, raça e gênero estruturam a academia em todo o mundo*”.

O curioso é que ambos, poderiam ser classificados como membros das autoridades colonizadoras que se utilizam daquelas normas cromáticas na universidade, mas ao invés de contribuírem com sua continuidade preferem analisar o modo como Du Bois e Stuart Hall contribuíram, e contribuem, com suas diferenças de contexto e período de atuação, EUA e Inglaterra e primeira e segunda metades do século XX, para um forte vendaval que está prestes a virar uma tempestade.

Os autores chamam a nossa atenção para o fato de que “não se trata de uma chamada para expulsar os/as intelectuais brancos/as mas, antes, para os obstáculos à própria disciplina

³ *Republic of Letters* (Republica das Letras): Eram as redes de correspondência que se estendiam pelos países e continentes criadas, principalmente, pelas academias científicas.



que a *coloração da imaginação* tem significado ao confinar a pesquisa em formas que, muitas vezes, são prejudiciais aos próprios temas estudados. No entanto, eles identificam a emergência de uma tensão produtiva relacionadas ao contexto norte-americano e inglês.

A título de demonstração eles recorrem a publicação de dois livros como exemplos dos “vendavais” que atravessaram a disciplina. O primeiro livro é *The Dead of White Sociology* (1973) de Joyce Ladner, para o contexto norte americano, que para os autores levaram a sociologia branca “a resolver suas distorções da história negra e das caracterizações patológicas das comunidades negras”. E passados 10 anos, o segundo vendaval foi “a publicação do *Empire Strikes Back* (1982), por um coletivo de jovens pesquisadores do *Centre For Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em Birmingham. No qual, “*Errol Lawrence argumenta que a sociologia britânica foi cúmplice em reproduzir patologias raciais, ao mesmo tempo que era incapaz de descrever a rica e complexa experiência cultural diante dela* (LAWRENCE, 1982)”.

Segundo os autores, a turbulência produzida por cada um desses livros relata o fracasso da disciplina em conduzir uma profunda reconstrução intelectual em volta dos problemas da produção do conhecimento e racismo. Como consequência, a sociologia nos Estados Unidos, assim como na Europa, permanece assombrada e constrangida por sua incapacidade de abalar a branquitude colonizadora que continua a colorir sua imaginação. Eles argumentam, também, que a sociologia no Brasil é marcada por esse legado. “*Aqui parece que a diversidade de estudantes na sala de aula, impulsionada pelo sucesso das ações afirmativas, ampliou o círculo social da sociologia. Contudo, como em outras partes do mundo, o corpo docente e o currículo é colorido de maneira racialmente monocromática, o que limita o espectro da imaginação sociológica*”

O que tudo isso tem a ver com Du Bois e Stuart Hall?

Em relação a Du Bois, ou mais precisamente sobre sua obra, a ausência de sua presença nos currículos de nossos cursos demonstra tanto a continuidade do racismo acadêmico quanto a continuidade de uma sociologia segregada. Em relação a Hall, embora, hoje ele seja um dos intelectuais de maior influência no interior das humanidades, a cultura de profissionalização e especialização da disciplina tem restringido a incorporação de suas contribuições sociológicas desegregadas que se articule, por exemplo, com arte e literatura.



O resultado tem sido a perda de valor da disciplina pela continuidade de sua orientação supostamente color-blind que reproduz tanto uma leitura restrita e por vezes acrítica da sociedade quanto uma imaginação e prática sociológicas monocromáticas.

O quarto artigo de Angelo Martins Jr intitulado *Sociologia crítica e (proto)interseccional de Du Bois: contribuições aos debates contemporâneos sobre gênero, interseccionalidade, marxismo e teoria crítica da “raça”* indica um importante caminho de leitura de nosso autor e propõe o retorno aos seus textos originais em especial as obras do entre guerras: *Darkwater* (1920), *Dusk of Dawn* (1940) e *Black Reconstruction in America* (1935). Situando com base nelas ao menos três debates emergentes no período contemplados pela reflexão de Du Bois são eles: a “Questão da Mulher”, a dimensão “anti-essencialista” e (proto)interseccional e o engajamento crítico com o Marxismo: “raça”, classe, colonialismo e capitalismo.

Martins Jr acrescenta à lista de textos clássicos de Du Bois, discutidos nos artigos anteriores que situam a sua contribuição inicial entre 1895 a 1919, os textos por ele considerados mais importantes do período entre guerras 1919-1945: *Darkwater: Voices from within the Veil* (1920), *Black Reconstruction in America* (1935) e *Dusk of Dawn: An Essay Towards and Autobiography of a Race Concept* (1940).

O autor localiza na produção de Du Bois do período tanto a continuidade da linha de cor quanto a sua expansão e operacionalização para o desenvolvimento de uma perspectiva na qual a questão das mulheres e o movimento pela paz são considerados em condições de igualdade nas possibilidades analíticas e práticas de resolução do problema social relacionado a opressão.

O engajamento crítico de Du Bois com o marxismo permitiu, portanto, que ele antecipasse em mais de meio século discussões presentes na teoria feminista da interseccionalidade, o que Rabaka denominou em seu artigo de interseccionalismo e que Martins Jr denomina sociologia (proto) interseccional de Du Bois: a intersecção entre “raça”, classe e gênero.

Ao tratar a questão social posicionando lado a lado (next to) as hierarquias (diferenças) de tratamento que constituem a desigualdade de gênero e a desigualdade “racial”, em Du Bois os dois movimentos são simultaneamente importantes uma afirmação central presente nos debates contemporâneos sobre interseccionalidade e diferenças.



Ao estimular o retorno aos textos originais o artigo de Martins Jr, também, nos fornece subsídios importantes sobre a forma como uma dimensão anti-essencialista emerge da contribuição de Du Bois quando ele analisa as divergências, conflitos, opiniões que emergiam a partir de diferenças internas que atravessavam, e atravessam o grupo negro, demonstrando sua veemência contra a ideia de que a “solidariedade de grupo” se confunde ou se iguala à “uniformidade de grupo” ou silenciamento de vozes dissidentes. Um debate extremamente atual no Brasil do colorismo e da heteroidentificação.

Du Bois ofereceu críticas importantes aos movimentos dos trabalhadores e ao partido socialista por não compreenderem as conexões globais existentes nas desigualdades de classe e de “raça” e por não incorporarem a luta contra o racismo na luta de classes.

O conjunto de textos, portanto, nos auxilia a não nos retermos nas raízes intelectuais da sociologia na Europa Ocidental ao demonstrar com Du Bois que o exercício de criticá-la não significa descartá-la, mas sim como a existência de perspectivas sociológicas desegregadas podem contribuir para uma inovação da imaginação sociológica que contemple as diferenças tornando a disciplina novamente atraente.